

REVISTA ADVENTISTA



ANO XXIV

N.º 202

«... E SOBRE ESTA PEDRA...»

«Jesus e os discípulos haviam chegado a uma das cidades nas cercânias de Cesareia de Filipo. Encontravam-se além dos limites da Galileia, numa região em que predominava a idolatria. Ali os discípulos foram afastados da influência dominante do judaísmo, sendo postos em contacto mais íntimo com o culto pagão. Em torno deles achavam-se representadas formas de superstição que existiam em todas as partes do Mundo. Jesus desejava que a visão dessas coisas os levasse a sentir a própria responsabilidade para com os pagãos. Durante a sua estadia naquela região, procurou abster-se de ensinar o povo, dedicando-se mais plenamente aos discípulos.

Estava para lhes dizer os sofrimentos que O aguardavam. Antes disso, porém, afastou-se sozinho e orou para que os seus corações estivessem preparados para receber as palavras que lhes ia dirigir. Depois de se haver reunido aos discípulos, não lhes comunicou imediatamente aquilo que lhes desejava participar. Antes de o fazer, ofereceu-lhes o ensejo de confessarem a sua fé n'Ele, a fim de se fortalecerem para a próxima provação.

Perguntou-lhes, por isso:

— Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

Com pesar foram os discípulos forçados a admitir que Israel deixara de reconhecer o seu Messias. Alguns, na verdade, vendo os milagres, haviam declarado que Ele

A. Casaca

era o Filho de David. As multidões que foram alimentadas em Betsaida, desejaram proclamá-lo rei de Israel. Muitos estavam dispostos a aceitá-lo como profeta; não acreditavam, porém, que fosse o Messias.

Jesus formulou, agora, uma segunda pergunta, com respeito aos próprios discípulos:

— E vós, quem dizeis que Eu sou?

Pedro respondeu:

— Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo.

Jesus respondeu a Pedro, dizendo:

— Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está no céu.

— Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.» (O Desejado de Todas as Nações, p. 309, 310).

Tal é o passo, na sua simplicidade que mais controvérsias tem levantado, no decorrer dos séculos entre a família cristã.

Pretende-se com ele demonstrar que o Salvador fundou a sua Igreja — essa Igreja pela qual derramou

o seu precioso sangue — sobre o apóstolo Pedro.

E tal pretensão assenta unicamente, num jogo de palavras, num «qui pro quo» a propósito do nome do apóstolo: Pedro e Pedra.

Ora, segundo as boas regras de Hermenêutica, isto é, da interpretação da Sagrada Escritura, não basta tomar um texto isolado, desquadrado do contexto: seria falsear, totalmente o que está escrito.

Por outro lado, atendendo ao contexto, há que ter, sempre, na devida linha de conta, o significado dos vocábulos.

A expressão «PEDRA» aplicada a Deus não era desconhecida para os Judeus, de todos os tempos bíblicos. Jesus Cristo é frequentemente representado no Velho Testamento sob a figura de uma Rocha ou Pedra. Nalguns passos é chamado «a Pedra de fundamento posta em Sião», «Pedra escolhida, angular, preciosa», «Pedra de tropeço». Noutros passos diz-se que é «a Rocha da salvação», a «Rocha da nossa fortaleza», e «a nossa Rocha forte». Ambos os vocábulos se aplicam numa multidão de passos e têm por objectivo ensinar-nos que o Salvador, o Filho de Deus vivo, é a fonte da nossa esperança, é o fundamento da nossa salvação.

O uso frequente destas expressões no Velho Testamento fazia com que os Judeus soubessem com toda a evidência que falando-se de

(Continua na pág. 6)

SUMÁRIO

«...E sobre esta pedra...»

Editorial

O Catolicismo perante as Sagradas Escrituras

Notícias do Campo

A Página do Colporteur

O Auxiliar da Escola Sabatina

JULHO DE 1963

ANO XXIV

N.º 202

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. CORDAS, F. MENDES,
M. LARANJEIRA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Acampamento dos MV

É com grande júbilo que vos anuncio a realização do Acampamento dos nossos Jovens. Quase já vai entrando na nossa tradição, pois sempre tão desejado, é, depois, zelosa e entusiasticamente celebrado.

Todos os que têm dita de participar no Acampamento regressam, depois, às suas terras, com o firme propósito de voltar a tomar parte no novo Acampamento!... Assim é, assim tem de ser, porque todos os nossos Jovens sabem que têm a magnífica oportunidade de contactar com a Natureza e de retemperar, no convívio amigo e fraternal, as forças tanto físicas como espirituais.

Não vamos reproduzir na íntegra o Aviso que já foi distribuído profusamente pelas igrejas sobre o Programa do Acampamento. Basta dizer, aqui que se efectuará na Figueira da Foz de 15 a 25 de Agosto próximo.

As inscrições devem estar em Lisboa, até o próximo dia 20 de Julho.

Animosos Jovens! Está à vista o vosso Acampamento Nacional MV

As actividades espirituais durante as férias

Bem sabemos que as férias são hoje uma necessidade. Mas férias, apenas, para as actividades do corpo. Para a vida da alma, para a vida espiritual não há que falar em férias. Parar na vida, na vida física, na vida fisiológica, é morrer. O mesmo temos de dizer da vida espiritual. Não podemos suspender as nossas actividades espirituais;

Prezados Irmãos:

por isso não há férias para a vida espiritual.

Temos de continuar com as nossas práticas religiosas, mesmo durante as férias: a devoção matinal, a oração, o estudo da Palavra Divina, através das lições da Escola Sabatina.

Por isso, prezados Irmãos, não nos esqueçamos de levar connosco, para férias, os saquinho da Escola Sabatina, que servem simultaneamente de registo para os dias de estudo e para recolher a colecta.

Só assim é que as férias poderão ser proveitosas, também para a vida física.

O Curso de Extensão de Collonges

Como é do conhecimento dos nossos prezados Irmãos, alguns dos nossos Irmãos-Obreiros encontram-se, presentemente, no Seminário da Divisão, em Collonges. Trata-se do denominado Curso de Extensão que consiste num alargamento dos estudos denominacionais.

Que as nossas orações não faltem a estes nossos Irmãos-Obreiros para que a sua estadia em Collonges seja frutuosa, de modo que possam adquirir os conhecimentos necessários para a continuação dos seus trabalhos missionários, para a salvação de muitas almas.

Daqui dirijo um cordial apelo aos nossos prezados Irmãos e Irmãs que têm de efectuar os actos de culto nas várias igrejas, cujos Obreiros se encontram ausentes. E que todos os nossos Irmãos e Irmãs colaborem com o entusiasmo de sempre em todos os cultos, de modo que o espírito do Senhor encontre sempre melhor ambiente para se fazer sentir.

A. Casaca

O Catolicismo

perante as Sagradas Escrituras

Tem-se assistido, nos últimos anos, a um despertar da parte católica em torno do estudo da Bíblia, através de instruções emanadas dos prelados de maior responsabilidade, incluindo os Papas, e também pela publicação de muitas edições da Bíblia, comentários, revistas, porções da Bíblia, etc. Através de todos estes elementos, pretendem, as autoridades católicas chamar a atenção dos seus crentes para a necessidade e conveniência, do estudo do livro Sagrado.

João XXIII, disse em 16-10-1960; «só pelo Evangelho encontrará o mundo o caminho da verdadeira fraternidade e da verdadeira paz.

Se recuarmos até ao princípio deste Século, assistimos em 1902, à constituição de uma Comissão Bíblica Pontifícia que, fixa a doutrina da Igreja, em face das Sagradas Escrituras. Depois, surge o Instituto Bíblico Pontifício (Jesuítas), a Escola Bíblica de Jerusalém (dominicanos) etc. Ao mosteiro Beneditino de S. Jerónimo, foi dado, a tarefa de rever a tradução latina dos livros Santos.

No caderno Bíblia e Liturgia, n.º 1, encontramos, a seguinte citação: «O Novo Testamento, deveria ser o livro de cabeceira de todo o cristão que sabe ler; mas estou desolado, porque há no meu rebanho muitos cristãos que nunca leram, que nem sequer têm na sua biblioteca, talvez atulhada de brochuras ou prospectos sem valor, o tesouro divino do N. T. «Cardeal Mercier in Oeuvres Pastorales, Tomo VI, 1926, pág. 404.

«Como reacção contra a tese protestante, que assentava nela o livre exame, os católicos olvidaram voluntariamente, durante muito tempo, a riqueza infinita da palavra de Deus. Hoje em dia esses perigos estão afastados e é com

alegria que vemos manifestar-se uma corrente, cada vez mais forte, a favor dos livros inspirados... Encorajamos este renovo com precauções que se impõem para permanecermos na verdade da fé da qual a igreja é depositária». (In Les sens de Dieu, lettre pastorale du Cardinal Suhard), Quaresma de 1948. Ed. A. Lahuse, Paris, 1948, pág. 46-47.

«Se a leitura do Evangelho é uma necessidade para o homem moderno no mundo actual, ela o é ainda mais para os católicos. Pág. XIII, les messages des Evangiles, Marabout Université, Belgique.

«Como gostaria de convencer os meus fiéis de que a Bíblia não está no índice dos livros proibidos» Cardeal Manning, citando a págs. 12, de Mensagem da Bíblia por Carlos Villapadierna, tradução de P.º Fernando Negreiros, Difusora Bíblica, 1959.

«Faz pena saber que há católicos cultos, em dia com as novidades da história, que nunca leram, integralmente, a história do Homem-Deus, história tão pequenina que pode ler-se facilmente numa hora — a história de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. Mateus, ou segundo S. Marcos, segundo S. Lucas ou segundo S. João». Frei Fernando de Negreiros, in Bíblia, ano VI, 31, Setembro-Outubro de 1960.

O tempo da proibição

No seu livro Que é a Bíblia?, a pág. 10. Daniel Rops, diz:

«É preciso, contudo, confessar que, nesse campo (da Bíblia) durante muito tempo, atardaram-se os católicos. Durante cerca de 300 anos mantiveram-se ante o livro dos livros numa atitude de desconfiança. E a pág. 11, «Tornou-se corrente ouvir e repetir-se que «A Bíblia está no Index» e que um católico não deve ler a Bíblia».

Estes 300 anos de que fala o autor começou com a interdição que Pio IV em 1574 lançou à leitura da Bíblia e que só foi levantada por Bento XIV em 1757.

Antes da proibição era outra a atitude da Igreja, embora a Bíblia não estivesse ao alcance dos crentes.

S. Jerónimo disse: «Ignorar as escrituras é ignorar a Cristo. In Is. Prof. cf. Aracts pág. 77.

Pio IV, na Bula Dominici Gregis, no ano de 1574, dizia:

«Como tenha mostrado a experiência que, se as versões da Sagrada Bíblia, em língua vulgar, se permitirem a cada passo, e sem diferença de pessoas, mais é o dano que daí resulta, do que a utilidade; esteja-se nesta parte pelo juízo do bispo ou do inquisidor, a fim de que, com conselho do pároco ou do inquisidor, possam conceder licença de ler a Bíblia vertida em vulgar, por autores católicos, aqueles de quem entenderam que de esta lição não podem receber dano, mas sim aumento da fé e da piedade. As quais licenças deverão ser, dadas por escrito.»

A Bíblia aparece na lista dos livros proibidos de 1547 e 1641.

Se falarmos dos inúmeros crentes que foram presos e sofreram inúmeros castigos por possuírem as Sagradas Escrituras prolongaria demasiado este artigo e viria reafirmar coisas bastante conhecidas de todos.

A Inspiração da Bíblia

Neste reavivamento Bíblico, há diversos factores contraditórios, e para os observar depois, vejamos o que as autoridades católicas dizem da inspiração dos sagrados livros.

«O próprio Deus, por uma virtude sobrenatural, excitou e impulsionou os autores sagrados, assistin-

do-os enquanto escreviam, de tal maneira que concebiam exactamente o que queriam relatar fielmente e que exprimiam com uma verdade infalível tudo o que Ele lhes ordenava, e só o que Ele lhes ordenava que escrevessem». Leão XIII. Enc. Providentiss.

«Nenhum erro pode estar ligado à inspiração divina, não só porque esta por si mesma exclui todo o erro, mas ainda o exclui e lhe repugna tão necessariamente Deus, verdade soberana, não pode ser autor de qualquer erro». Idem.

«Mercê dela, (a Inspiração), a Bíblia não é um livro meramente humano, mas sim principalmente divino. É por força deste facto que a Bíblia apresenta os caracteres divinos de inerrância e santidade». Dr. Patrício Gonçalves, em *As traduções e a Inspiração*, in *Bíblica*, Ano VII, n.º 35, 1961 — Maio-Junho.

«Mas o católico, ao dizer Sagradas Escrituras, não o faz só porque nela se contenham doutrinas religiosas, mas também porque a Bíblia é, em sentido próprio, um livro divino: o seu autor principal é Deus. É esta verdade que se quer significar quando se diz «a Bíblia é inspirada por Deus».

«A Bíblia, cujas palavras estão ligadas, da primeira à última, por uma sublime finalidade religiosa de esperança e regeneração, é um livro divino».

«A inspiração é um influxo carismático, físico e sobrenatural, mediante o qual eleva e move as faculdades do hagiógrafo para que conceba, queira escrever, e de facto escreva, aquilo e só aquilo — que Deus quer, e do modo como Deus quer» Leão XIII in *E. Providentissima*, dada em 18-11-1893, citada por Dr. M. Guerreiro in *Bíblica*, ano VII-27, Janeiro-Fevereiro 1960.

«A inspiração é um influxo sobre o hagiógrafo, em virtude do qual Deus, é verdadeiro autor físico dos livros Sagrados, com o hagiógrafo» (Pág. 154) Mensagem da Bíblia por Carlos Villardierna, tradução de Fernando Negreiros, Difusora Bíblica, Lisboa, 1959.

Tudo o que o hagiógrafo faz ao compor o livro sagrado, fá-lo como instrumento de Deus, e, por conseguinte, na escolha das mesmas palavras é assistido pelo influxo inspirador de Deus. (Pág. 161). Idem.

«Do facto de Deus ser o autor principal da Escritura e de unir misteriosamente a sua actividade à actividade do hagiógrafo, deduz-se um corolário necessário, de uma importância fundamental. A Bíblia não contém (nem pode conter erro nem nenhuma das suas afirmações. (Pág. 163) Idem.

No prefácio do livro de Genesis, edição de 1783, do V. Testamento de António Pereira de Figueiredo, diz:

Orígenes na Homília XXVI sobre o livro de números, observa: «que a Moisés teria sido impossível referir-se o que se tinha passado desde o princípio do mundo, ou o que havia de acontecer depois até ao fim, se ele não tivesse sido inspirado e... instruído para isso pelo Espírito Santo.

Afastamento

Inclusão dos apócrifos no canon

Foi no século VI, que Sixto Sena, introduziu, no canon, os seguintes livros:

Tobias
Judite
Sabedoria
Eclesiástico
Baruc
I e II Macabeus
Ester 10:4 e XVI:24
Daniel 3:24-90 e 13 e 14
Marcos XVI:9-20
Lucas XXII:43-44
João 8:2-12

Podemos no entanto recorrer aos próprios escritores católicos sobre este assunto.

Em primeiro lugar, debruçemo-nos um pouco sobre S. Jerónimo o homem que, usou para a tradução do Novo Testamento, os manuscritos gregos; para o V. Testamento o texto hebraico consonântico da Sinagoga de Belém, da Septuaginta e da Tradução de Teodócio para o livro de Daniel.

Ficou assim estabelecida a versão oficial católica da Bíblia, conforme o Concílio de Trento em 8-3-1546 declarou:

«O sacrossanto concílio considerando que poderá advir não pequena utilidade à Igreja de Deus, se se der a saber qual de tantas edições que correm dos livros sagrados, se deve ter por autêntica, determina e declara: que nas púe e exposições, seja tida por autêntica a antiga edição Vulgata, que pelo longo uso de tantos séculos se acha aprovada na mesma igreja; e que ninguém por qualquer pretexto, se atreva ou presuma rejeitá-la».

Passaram-se os anos e surgiram muitos erros nas cópias da vulgata de Jerónimo, e então em 1592, era impressa pelo Papa Clemente VIII uma edição corrigida que ficou conhecida como vulgata Clementina. Num breve, nela publicado se diz:

«Aceita, pois, leitor cristão, por aquiescência do mesmo Pontífice, a edição da antiga vulgata, tradução das Sagradas Escrituras, saída da Tipografia Vaticana. Que esta seja sobre todos os pontos de vista, absoluta, é difícil de afirmar, devido à fraqueza humana, mas fora disso, não se pode duvidar que até aos nossos dias, seja a mais pura das emendadas».

S. Jerónimo, o tradutor da Bíblia, no prefácio de Provérbios de Salomão diz: «Assim como a Igreja lê os livros de Judit, Tobias e Macabeus, mas não os recebe entre as escrituras canónicas, assim também lê, estes dois volumes (Sabedoria e Sisak) para edificação e não para confirmar a autoridade dos dogmas eclesiásticos».

Santo Atanásio, Sec. IV, na sua Epístola Feslate, depois de enumerar os livros canónicos acrescenta «Para maior exactidão devemos acrescentar que, além destes livros, há ainda outros que não são canónicos, é verdade, mas que foram aconselhados pelos Padres para serem lidos por aqueles que, novamente vindos até nós têm desejos de ser ensinado na palavra de piedade. Cita em seguida os canónicos.

O Papa Gregoria Magno, ao citar o livro de Macabeus, pede licença para citar o testemunho de um livro não canónico, mas publicado para edificação da Igreja. *Moralia in Job XIX, 17.*

Na História Bíblica de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, Lisboa, 1787 citando Esdras, Tobias, etc., diz que «estes livros não se encontram no Canon Hebraico, nem se acharam no original grego»...

No século XVI o célebre Cardeal Ximenes, arcebispo de Toledo, fundador da Universidade de Alcalá, publicou a sua notabilíssima Bíblia Poliglota, não receando assegurar no prefácio da obra «que os livros de Tobias, Judith, Sabedoria, Eclesiástico e os Macabeus assim como as adições de Ester e Daniel, não são escrituras canónicas.

A atitude actual perante as verdades Bíblicas

Apresentamos alguns pontos, extraídos, da Revista portuguesa Bíblica, onde se pretende explicar algumas passagens, de maneira bem pouco de acordo, com as passagens sobre a inspiração que atrás transcrevemos.

Alguns exemplos:

Versículo: Formou o Senhor o homem do pó da terra, insuflou-lhe no nariz um sopro de vida e tornou-se o homem um ser vivo (Genesis 2:7).

Explicação: «Neste texto se nos representa Deus Nosso Senhor como um habilidoso oleiro que toma um pouco de barro, compõe uma estátua, sopra-lhe no nariz e o homem começa a existir, a viver. Diante deste descrição tão viva, cabe perguntar: seria na verdade assim que Deus criou o homem, tal necessariamente temos de dizer Não... Dr. Rafael Serafão in *Bíblica*, Ano VII, N.º 33, Janeiro-Fevereiro.

Versículo: Foram todos os dias de Adão de 930 anos e morreu. Gen 5:5.

Explicação: «A julgar por estas referências do Génesis, a vida nos primeiros tempos da humanidade era muito mais prolongada que hoje. Assim, pareceria à primeira vista. Resulta, porém, que as descobertas da ciência, têm chegado à conclusão contrária...

Primeiramente vê-se que do autor sagrado, quando escrevia, apenas eram conhecidos alguns dos mais célebres nomes que preencheram o espaço de tempo que vai entre a criação do homem e o dilúvio. Ora, para poder preencher todo esse tempo, como não conhecia todas as gerações que se sucederam, apontou apenas os nomes daqueles que eram conhecidos dividindo por eles arbitrariamente o tempo decorrido entre a criação do homem e o dilúvio». Pág. 150/151, de *A Bíblia explicada* pelo Dr. Rafael Serafão. In *Bíblica*, Julho-Agosto, 1961.

Esta mesma revista é abundante destes exemplos, e pensamos que não é necessário repetir outros da mesma jaez.

A Bíblia católica em Portugal

No livro «católico perante a Bíblia» de Frei Adauto de Palma, na edição brasileira, de 1950, encontramos apresentados três períodos em Portugal:

1.º Período da Imrodução — 1100-1300. O clero e os nobres falam a língua latina. Versões da Bíblia conhecidas e usadas só podiam ser manuscritos em Espanhol ou noutra língua estrangeira.

2.º Período da experiência — 1300-1500. É do reinado de D. Diniz que datam as primeiras traduções portuguesas do texto sagrado. Traduzem-se as epístolas e outros textos.

3.º Período da Suspensão — O Papa Pio IV, introduziu a determinação que para a sua leitura era necessária prévia autorização. Deste período existem somente comentários como por exemplo de Fr. Bartolomeu dos Mártires, Bernardo de Brito, Heitor Pinto, António Vieira, etc.

4.º Período da acção — de 1750 aos nossos dias. Desde o Breve de Bento XIV em 1757, permitindo a livre leitura, se tem desenvolvido uma actividade sempre crescente para espalhar a Bíblia, nas línguas vulgares dos vários países.

Noutro artigo, falaremos das edições feitas em Portugal, durante estes quatro períodos.

J. A. MORGADO

1. Apontamentos de E. Ferreira, no Seminário de Portalegre.
2. Mensagem da Bíblia, por Carlos Villapadierna; tradução do Padre Fernando de Negreiros; Difusora Bíblica, 1959, Lisboa.
3. Que é a Bíblia? Daniel Rops, tradução de J. Dupeat, Flamboyant — S. Paulo.
4. Revista Bíblica.
5. Bible et vie Chrétienne, n.º 9 — Paris — n.º mars/mai 1955.
6. Cahiers: Pas a Pas avec la Bible n.º 1 — Introduction, n.º 40 l'apocalypse. Edition de l'abbay de St. André Belgique.

«Não é bastante fazer o trabalho de Deus; é necessário que seja feito honesta e sinceramente. Se não formos honestos e fiéis, haverá maldição sobre nós.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 227).

«... E SOBRE ESTA PEDRA...»

(Continuação da pág. 1)

Rocha, como fundamento, como esperança, tais expressões se aplicavam a Deus. Falar de Pedra, de Rocha aos apóstolos era o mesmo que falar de Deus. Recordavam, imediatamente, entre outros, os seguintes passos:

«Ele (Deus) é a Rocha...» (Deut. 32:4).

«O Senhor é o meu Rochedo... o meu Deus e a minha fortaleza...» (Salmo 18:2).

«O Senhor vive, bendito seja o meu Rochedo» (versículo 46).

«Disse o Deus de Israel, a Rocha de Israel...» (II Sam. 23:3).

Os apóstolos sabiam perfeitamente que os sacerdotes rejeitariam a Pedra, mas Ela seria a Pedra de esquina, a Pedra angular. Foi o próprio Jesus quem aplicou a Si mesmo a expressão: «Pedra de esquina, Pedra angular, conforme vemos em Lucas 20:17.

Jesus aplica, pois a Si a expressão conhecidíssima de «Pedra» que só se atribui a Deus.

Vejamos, agora, o que se passa, com o apóstolo Pedro.

Ouvem os apóstolos falar dessa Rocha, dessa Pedra, que fora sempre o refúgio, o firme alicerce da fé dos seus antepassados.

Que surpresa não teria sido para todos a aplicação daquela palavra — que só pertenciam a Deus — feita, agora a um simples homem!...

Quando ouviram aquela palavra, PEDRA, não manifestaram nenhuma surpresa; e não ficaram surpreendidos, precisamente, porque bem perceberam que o Mestre a aplicava a quem unicamente pertencia: a Ele próprio, Deus, Filho de Deus vivo.

Pedro confessara a divindade de Jesus — a Rocha, a Pedra. Pois é, precisamente, sobre essa Pedra, sobre essa Rocha, que é Jesus-Deus, é sobre essa Rocha que Jesus vai fundar a sua Igreja.

Poderia, porventura, tê-la fundado sobre a Virgem, sobre S. João, sobre Lázaro, sobre o cego de Jericó... Talvez...

Parece-nos que não seria decoroso. A isso se opunha a relação entre a dispensação do Antigo e do Novo Testamento. O cerimonial mosaico, com as suas sombras e figuras era um tipo, um símbolo. O Antigo Testamento — uma sombra — estava fundada sobre Deus, a Rocha Eterna. Teria sido decoroso, teria sido lógico, que a Igreja do Novo Testamento — a realidade — houvesse sido fundada sobre alicerce infinitamente inferior?

A Rocha Eterna é Deus, é Jesus. A Pedra é, pois, Jesus, o Filho de Deus.

De resto, também não seria conveniente que Jesus tivesse fundado a sua Igreja sobre uma simples criatura...

Não foi Pedro, nem Paulo, nem a Virgem quem deu o seu sangue para se fundar a Igreja. Não convinha fundar a Igreja sobre uma pedrinha rolante — qualquer criatura. Que culto não se lhe prestaria?!...

Por isso os Apóstolos, incluindo o próprio Pedro, não mostraram nenhuma surpresa quando ouviram dizer «e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». Bem sabiam que a Pedra era Jesus, era Deus; por isso o seu Mestre era Deus — como Pedro acaba de confessar.

Ora, sabendo Jesus, os apóstolos, todos os Judeus que a PEDRA, a ROCHA se referia sempre a Deus, era absolutamente necessário que Jesus tivesse falado claramente, sem deixar a mínima dúvida nos seus ouvintes. Se tivesse querido referir a PEDRA a Pedro tê-lo-ia indicado expressamente, como sempre fazia, tratando-se de verdades necessárias à salvação.

Dizendo «esta Pedra» referia-se necessariamente, à «Rocha Eterna», a Deus, como todos sabiam e compreendiam.

Quando era necessário corrigir alguma maneira de entender, dizia-o claramente: «Vós, porém, fazei assim... Entre vós, porém, não será assim...» Se tivesse querido referir a expressão «Pedra» exclu-

siva de Deus, — a Pedro, necessariamente o teria dito:

«Tu és Pedro e sobre ti...» Estava resolvida a dificuldade e todos os apóstolos e discípulos ficariam a saber que a Pedra deixava de se referir a Deus, para se referir ao seu colega.

Note-se, a força do argumento se considerarmos as expressões que se encontram no passo de S. Mateus.

De resto, tanto os apóstolos, como o próprio Pedro nunca entenderam que aquelas palavras se referiam ao apóstolo.

Recordemos a decidida declaração de Pedro na sua primeira carta:

«...Ela (a Pedra do ângulo, escolhida, preciosa) é pois honra para vós, que credes: mas para os incrédulos a PEDRA que os edificantes rejeitaram esta foi posta por cabeça do ângulo: é pedra de tropeço e pedra de escândalo para os que tropeçam na palavra e não crêem em quem igualmente foram postos». (I Pedro 2:6-8). Pedro aplica a Jesus a expressão da PEDRA, como todos sabiam e como sempre foi aplicada.

De resto, também o texto nos indica que a PEDRA é Jesus.

É certo que Jesus, falando em siro-caldaico, só tinha uma palavra, e foi a que empregou KEFAS — Pedra.

Portanto disse assim: «Tu és Kefas, e sobre esta Kefas...»

Mas a versão grega — a que temos no Evangelho emprega duas palavras distintas: PETROS e PETRA, que têm significado diferente. Petros — o nome de Pedro — significa: pedrinha rolante; Petra — Pedra significa Rocha.

Portanto, a frase de Jesus tem o seguinte significado:

Tu és uma pedrinha rolante, mas sobre esta ROCHA edificarei a minha Igreja.

(Note-se que a conjunção coordenativa grega *kai* tanto pode ser copulativa — «e» — como adversativa — «mas».)

A Rocha sobre a qual Jesus fundou a sua Igreja é Ele mesmo, a sua divindade, ou a confissão da

divindade de Pedro, que é equivalente.

Mas, por que todas estas expressões de «pedrinhas» e de Rochas?

A linguagem oriental, a bíblica, nomeadamente, compraz-se, largamente no uso de imagens literárias, como também as nossas línguas ainda hoje fazem.

É uma imagem literária corrente a de assemelhar a Igreja a um edifício. Ora na construção de um edifício coloca-se em primeiro lugar a PEDRA fundamental, a PEDRA de esquina.

No edifício da Igreja, como já vimos, a Pedra fundamental é Jesus. Mas a Igreja não é só composta pela Pedra fundamental, assim como um edifício não tem apenas a pedra de esquina.

NOVO LAR ADVENTISTA



No passado mês de Março celebrou-se, em Cabo Verde o casamento dos nossos Irmãos Cecílio de P. Fortes-Ana Maria Fortes.

Que as bênçãos de Deus desçam abundantemente sobre o novo lar adventista.

Todas as outras pedras somos nós, são todos os crentes, são os fiéis, foram em primeiro lugar os apóstolos e entre eles, o primeiro a ser colocado como pedrinha, o apóstolo Pedro, esse fogoso e impetuoso Pedro, que bem mereceu tal honra, porque foi ele o primeiro a confessar a divindade de Jesus. Por isso a primeira pedrinha a ser colocada no edifício espiritual da Igreja, foi ele, foi Pedro.

Ouçamos o que ele nos ensina:

«Chegando-vos para Ele — pedra viva, reprovada na verdade pelos homens, mas para Deus eleita e preciosa, vós também como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo...» (I Pedro 2:4,5).

Graças a Deus, porque estamos edificados como Casa de Deus na nossa missão de pedrinhas — tal como os apóstolos, os discípulos, todos quantos deram as suas vidas e os seus corações pelo Salvador — graças a Deus, pois, porque estamos assentes na ROCHA Eterna, na Pedra divina que é o nosso bendito Salvador.

A Jesus, honra e glória por todos os séculos, pedra «para com Deus eleita e preciosas».

Que o Senhor nos conceda a suprema graça de, dentro em breve podermos constituir a Igreja Triunfante, na Pátria celestial, bem firmes e bem assentes na Pedra, na Rocha Eterna, que é o nosso Divino Salvador.

Inauguração do baptistério em Alvalade

Foi no primeiro Sábado de Junho último que a Igreja de Alvalade teve o singular privilégio de inaugurar o seu baptistério. Dia grande, porque, a inauguração foi feita com o baptismo de 12 preciosas almas que se sepultaram nas águas para ressurgir para Jesus.

A cerimónia teve início às quinze horas; a vasta sala de culto estava repleta. Em todos os rostos se divisava o contentamento bem justificado por tão belo acontecimento.

NOTICIÁRIO

Pastor Carlos de Ascensão Esteves — Acompanhado de sua Esposa e de seus gentis filhos regressou à Metrópole, em gozo de bem merecidas férias o nosso prezado Irmão, Carlos Esteves, Pastor em Angola.

Que Deus lhes conceda as suas melhores bênçãos para que possam continuar a ganhar muitas almas para o Reino de Deus.

Pastor Joaquim Miranda — Vinde do seu campo de trabalho em Angola, chegou a Lisboa o nosso prezado Irmão, Pastor Joaquim Miranda, acompanhado de sua Esposa e gentil filhinha. Os nossos prezados Irmãos que vêm em gozo de férias, seguiram para a América onde o Pastor Miranda vai frequentar estudos superiores da nossa Denominação.

Que Deus os abençoe para que possam continuar a ganhar muitas almas para a vida eterna.

DE MOÇAMBIQUE

Pastor Pedro Ribeiro

Tendo sido convidado para dirigir este campo, encontra-se no nosso meio há algum tempo, e fazemos votos para que o Senhor abençoe grandemente a sua actividade neste campo em geral e na Igreja de Lourenço Marques.

Presidiu à cerimónia o Director da União Portuguesa, Pastor Casaca, secundado pelos Evangelistas, Gregório Rosa e Dr. Samuel Ribeiro, que tiveram a seu cargo, respectivamente, o estudo bíblico sobre o baptismo e um apelo final.

Estão de parabéns os nossos Irmãos de Alvalade. Que Deus proteja as suas actividades de modo que o seu baptistério possa receber, em todas as sessões baptismais, muitas e preciosas almas como tantos outros penhores para a vida eterna.

O Sábado dia 4 de Maio foi para a nossa Igreja um dia muito feliz e que todos recordamos ainda com verdadeira satisfação. Realizou-se entre nós a mais bela Cerimónia que pode ter lugar numa Igreja fiel aos íntegros princípios do Cristianismo: Uma Cerimónia Baptismal. De manhã bem cedo começaram a chegar os crentes do Entroncamento, juntamente com

Cerca das 15,30 horas, já repleta a nossa sala de jovens, onde se encontra o baptistério, tomaram os seus lugares o Pastor A. Casaca que presidiu à Cerimónia, o Ir. Jaime de Freitas em representação do corpo de Diáconos e o signatário como obreiro da Igreja. Após termos cantado o hino e feito a ora-

das a Jesus e a gozar duma comunhão mais completa com a Igreja e Seu Salvador, através da experiência do baptismo. Alguns se levantaram respondendo ao apelo. Queira Deus que possam perseverar até ao fim. Em seguida foram distribuídos os certificados de baptismo aos novos membros e alguns deles disseram em breves palavras a alegria que lhes ia no coração e falaram também acerca da maneira como conheceram a Fé.

«O Senhor esteve aqui no nosso meio» era a idéia que dominava o nosso pensamento quando após a oração final começou a debandada, todos mais cheios do Espírito Santo, mais perto uns dos outros e de Deus. Graças e louvores sejam dados ao Senhor.

II — A Campanha das Missões

A exemplo do ano anterior foi designado à nossa Igreja o Distrito de Viseu para o trabalho na Campanha das Missões. Em 5 de Maio lá fomos todos, um belo grupo de jovens, rumo à cidade de Viseu.

Quando regressámos no domingo seguinte, não pudemos deixar de agradecer ao Senhor tão preciosas bênçãos que Ele derramou sobre essa magnífica semana de trabalho. Guardamos todas as melhores recordações das lindas terras do Distrito de Viseu e da gentileza com que na generalidade fomos recebidos. Belas somas foram alcançadas e muitos contactos espirituais foram recebidos. Cabe aqui uma palavra de sincera gratidão aos nossos Irmãos Sampaio Nunes que desde a primeira hora foram para connosco duma afabilidade inexcedível e a quem devemos boa parte do êxito de nossa missão. No seu lar, posto à nossa disposição, sentimo-nos como em nossa própria casa, e para quem de manhãzinha até à noite anda de porta em porta vendendo a Revista das Missões, um tal acolhimento dá força e moral para o Combate.



Os novos membros, algumas visitas da Igreja e a Juventude que colaboram no esforço de Evangelização no Entroncamento

os candidatos ao baptismo e seus familiares que vieram assistir à Cerimónia. Quando a Congregação começou a entoar o hino de abertura da Escola Sabatina, pairava em toda a sala um ambiente festivo e de incontida alegria. Após a lição do dia e os momentos missionários dedicados particularmente à Campanha das Missões, teve início o Culto que foi dirigido pelo Pastor A. Casaca, Director da nossa União, o qual nos falou sobre os progressos que a Causa do Senhor está fazendo por toda a parte, dirigindo depois um apelo aos futuros Irmãos no sentido de olharem sempre para Jesus, o único e precioso Modelo que nos foi plenamente indicado.

ção, o Irmão Pastor Casaca procedeu ao exame dos candidatos. Em seguida, e enquanto todos se preparavam fizemos um breve estudo sobre «O Baptismo Cristão» findo o qual começou a descida às águas baptismas dos candidatos, e enquanto eram baptizados em nome do Pai, do Filho e do E. Santo, a Congregação entoou os cânticos designados habitualmente para esta Cerimónia. Depois, e enquanto os novos crentes não regressavam aos seus lugares, alguns Irmãos e Irmãs levantaram-se dando maravilhosos testemunhos de sua fé e como encontraram a Cristo. Logo um apelo foi feito às visitas que se encontravam presentes, convidando-os a entregarem as suas vi-

III — Fim de Jornada

No dia 8 de Abril vítima dum lamentável e inesperado acidente faleceu o nosso prezado amigo José Mendes.

No cemitério tivemos ocasião de dirigir algumas palavras ao grande número de parentes e amigos que estavam presentes apontando a veloz carreira da vida e para Jesus a Esperança da Ressureição.

Este nosso amigo era casado com a Irmã Alice Mendes, Pai do Irmão Pastor Fernando Mendes e da Irmã Lídia Mendes Nery. À família enlutada os nossos sentidos pêsames.

Irmã Maria Joaquina Santos

Descansou no Senhor com a avançada idade de 85 anos, a 14 de Maio, esta nossa Irmã, fiel membro da Igreja de Tomar. A sua fé



Junto à estátua de Viriato, em Viseu, os jovens que trabalharam na Campanha das Missões

e esperança no Senhor Jesus permaneceu no seu coração até ao último dia. Esperamos vê-la na manhã da Ressureição. Esta irmã era Avó do casal Pires, missionários adventistas em Angola e dos espo-

sos Celeste e M. Jorge de Mendonça. Que o Senhor lhes conceda a dita de a reverem nas cortes celestiais.

José Manuel de Matos

De Ponta Delgada

Receber notícias da sua terra natal é sempre viver outros tempos, passar uns momentos de saudade, mas enviar boas notícias nem sempre se consegue, pelo menos quando nem tudo é animador e edificante.

Gostaríamos de enviar aos leitores da Revista Adventista e especialmente aos irmãos Açoreanos espalhados pelo mundo, notícias animadoras como as que por vezes lemos de outros campos, mas temos de resumir-nos às que temos, ao que o Senhor nos tem ajudado a fazer, nesta magnífica Ilha Verde repleta dos mais variados caprichos da Natureza, desde as caprichosas lagoas às lindas hortênsias que ladeiam as estradas.

Mas salvar almas para o Reino Eterno é tarefa difícil, quebrar os preconceitos, o fanatismo, a superstição e os vícios não é tarefa fácil.

Não podemos utilizar emissões de Rádio, Jornais ou outra qualquer informação pública, resumimo-nos a uns convites que imediatamente são rasgados e a contactos pessoais. Mesmo a literatura encontra a barreira da superstição, preconceitos e analfabetismo, especialmente das idades maduras e a indiferença fanática dos novos.

A Igreja foi dividida em grupos missionários — *Literatura, Oração, Estudos Bíblicos e Dorcas*, que imediatamente se puseram em actividade. O grupo de Oração reuniu-se logo no primeiro Sábado, após o culto e resolveu que todos os dias cada qual no lugar onde estivesse às 20 horas, fizesse a sua oração, fazendo assim uma cadeia de oração, para o que foi dada uma lista dos motivos por que orar, mas muito especialmente pelo grupo de

Literatura e pelos candidatos ao Baptismo.

Na tarde do Sábado seguinte saíu o grupo de Literatura, em grupos, com as algibeiras cheias no n.º 1 da colecção de 15, de Verdades Eternas, um lápis e uma agenda para anotar o n.º das casas e rua onde deixavam literatura. Infelizmente a lista diminuiu já bastante, havendo mesmo ruas já eliminadas, porque ou devolvem ou rasgam e inutilizam, outros no entanto continuam recebendo.

O inimigo tem reagido suscitando dezenas de rapazes, possivelmente mandados por alguém, com uma varinha de vime, que habilidosamente metem por debaixo das portas tirando o folheto e rasgando-o com actos de provocação e insultos. Só o Senhor sabe se de entre os rasgados e inutilizados alguns cairão em boa terra.

Uma tarde, um irmão entregava um folheto numa casa e de repente chega uma menina vinda de outra casa e diz para o nosso Irmão: — Diga lá a avé-Maria!

O nosso irmão olhou para ela, percebeu o objectivo e recitou as palavras da saudação do Anjo a Maria, aproveitando a oportunidade pra dizer mais sobre visita do Anjo e a vida de Maria.

A menina pareceu satisfeita e correu para casa a dizer às pessoas que possivelmente a tinham mandado: — Eles sabem a avé-Maria e crêem na Virgem! Logo pediram também um folheto.

Na área onde estamos fazendo a distribuição — freguesias em volta da Vila da Ribeira Grande, temos algumas pessoas que já têm vindo aos cultos da cidade e planeamos fazer lá estudos, se conseguirmos alguma casa que nos abra as portas.

Na Ribeirinha, temos algumas pessoas interessadas mas a pressão sobre elas é tal, que duvidamos que tenham coragem para manterem a sua fé.

Baptismos

No Sábado dia 8 do corrente mês de Junho, houve alegria na Igreja, novos membros foram acrescentados. Poucos? Sim, poucos, mas foram alguns e isso é o que interessa.

Dificuldades, foi o que nos disseram os novos irmãos. Outros mais gostariam de fazer parte daquele grupo, mas obterem o Sábado livre, problemas de família, romper com vícios, eis os impedimentos. Planeamos em breve outra cerimônia batismal, logo que as circunstâncias o permitam. O grupo de oração continua orando pelo caso de cada um.

Alvos

Nesta época do ano estamos gratos ao Senhor pelo que nos têm ajudado a fazer. Não obstante a falta de trabalho de uns, os poucos lucros de outros, tudo decorre normal. A Grande Semana está alcançada e trabalhamos para a Campanha das Missões.

Colportagem

Centenas de livros, no valor de alguns milhares de escudos têm sido vendidos pelo colportor da Missão, Irmão A. Loureiro Gomes. Livros como: Educação Dará os Seus Frutos, Quem Dominará o Mundo?

Do Algarve

Foi com os nossos corações exultando de alegria que no passado dia 1 de Junho, após a Escola Sabatina, os Irmãos da Igreja de Faro assistiram a uma cerimônia batismal.

Foram três almas que nesse dia firmaram um pacto com Deus através das águas baptismas, fazendo, desde esse instante, parte integrante da Igreja de Faro.

São estes os primeiros frutos recolhidos do trabalho que estamos realizando em S. Brás de Alportel, cidade de Faro, e onde estamos trabalhando acidentalmente. Outras almas ali há interessadas no Evangelho.

Que o Senhor nosso Deus Se digne proteger estes Seus novos filhos, guardando-os de todo o mal, são os nossos mais sinceros desejos.

Orai pelo trabalho no Algarve.

J. J. Laranjeira

Desejado de Todas as Nações e Conflito dos Séculos, têm sido colocados muitas dezenas nas mãos do público. Muitos os apreciam e até os recomendam a amigos e só mais tarde se poderão ver frutos dessa sementeira. Muitas centenas de folhetos têm sido enviados pelo correio, para o que muitos nos trazem direções. Embora muitos os devolvam, outros continuam a receber.

A nossa melhor arma consiste nos contactos pessoais, que desfazem muitos preconceitos, tais como: eles não crêem em Deus nem na Virgem, são do demônio pois pisam a hóstia, têm artes do diabo, quem lhes dá ouvidos nunca mais se livra deles, etc. Quando falam connosco ou nos ouvem ficam admirados e comentam depois que os tinham enganado. Não desejareis juntar-vos ao nosso grupo de oração para que este povo que só tem ouvido historietas e o que os padres lhes dizem, possam ouvir a Palavra de Deus?

Vosso em Cristo.

Francisco Cordas

Da Igreja da Brava

Aos prezados leitores da Revista Adventista:

O ano de 1963 começou com perspectivas de abundantes bênçãos para a Igreja da Brava, em todos os sectores das suas actividades.

Graças ao Onnipotente, no mês de Janeiro, duas preciosas almas se entregaram a Cristo pelo baptismo, estando outras recebendo instrução religiosa, para que brevemente sepultem os seus pecados nas águas baptismas.

Faleceu no dia 25 de Abril, com 94 anos de idade, a Irmã Lucrecia Rodrigues mãe do nosso Irmão Francisco Rodrigues. O seu funeral realizou-se no dia 26 de Abril pelas 17.30 horas e nele tivemos ensejo de falar da nossa bendita esperança da ressurreição aos acompanhantes e, especialmente, à família da fale-

O trabalho realizado aqui em favor dos pecadores é um tanto espinhoso, originado por sofismas e obstáculos de toda a espécie; porém, Deus é connosco!

A Igreja congratula-se com o casamento dos nossos irmãos Ana Maria Fortes e Cecílio de Pina Fortes, para os quais vão os nossos votos das mais selectas bênçãos divinas, e que o seu exemplo inspire outros a darem o mesmo passo, evitando-se, porém, uniões entre crentes e descrentes, o que infelizmente se tem verificado muitas vezes, para o enfraquecimento espiritual dos incautos. Oremos, pois, pelos jovens ainda inexperientes.

O Senhor nos tem ajudado até ao presente, em que nos encontramos na Companhia das Missões, cujo alvo está quase atingido.

Satanás tem trabalhado intensamente, por agências várias, para prejudicar os nossos esforços; todavia, como a obra é do Altíssimo, sabemos que «Toda a ferramenta preparada contra ti, não prosperará» (Is. 54:17). Confiados nesta promessa continuamos afincadamente na nossa Campanha, aproveitando todas as oportunidades para a distribuição de folhetos, estudos bíblicos e contactos missionários, etc.

Finalizo as minhas breves e pobres palavras com algo inspirado do apóstolo S. João, dirigindo, em particular, a cada um dos simpáticos leitores da bela e edificante Revista Adventista, que devia encontrar-se em todos os lares adventistas: «Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma» (III S. João 2).

Vosso conservo em Cristo

Benjamim Schofield

DORMINDO NO SENHOR

cida. Que durma em paz até à manhã da ressurreição em que nos encontraremos para a vida eterna se formos fiéis no cumprimento da vontade de Deus mediante a fé em Cristo Jesus. À família enlutada os nossos sentidos pêsames.

J. J. Laranjeira

A Página do Colportor

Orlando Costa

Mais uma vez vem à ribalta da Nossa Página o testemunho entusiasta e fêvoro de um dos nossos Irmãos que tem adquirido boas experiências na grande obra que é a Colportagem.

Entre todas as actividades missionárias, docentes, apostólicas, caritativas ou apologéticas, quase nos sentimos tentados a dizer que a Colportagem de todas elas participa, larga e generosamente, brilhante e frutuosa, porque traduz a actividade que, por excelência a todas elas sintetiza.

A Colportagem, efectivamente, participa de todas aquelas actividades religiosas e, por vezes, em grande escala.

Por isso, nunca será de mais en-

comiar o trabalho notabilíssimo da Colportagem. Trabalho humilde e, trabalho modesto, trabalho de sacrificio incalculável!

Mas para se manter em toda a plenitude da sua eficiência tem o Colportor de recorrer, fiel e continuamente, à oração. Por ela, sempre em contacto com Deus, vai o Colportor pedir ao Senhor que o auxilie em todos os seus passos, que os dirija, na senda do bem, encaminhando-os, amorosamente, para junto daquelas boas e sequiosas almas que suspiram pela água da verdade.

Aqui apresentamos, neste mês, aos nossos prezados Irmãos o testemunho do nosso Irmão Adelino Nunes Diogo.

Colportor e a Oração

Nenhuma profissão existe na Terra, que reclame mais fé e oração do que a do Colportor. Ele sai de manhã com a sua pasta cheia de livros e revistas, nos quais se indica o caminho da salvação e arrancando almas ao poder do maligno, nas mais diversas ramificações, sejam vícios de toda a espécie, doenças ocasionadas pelos mesmos, e guiando-as aos pés de Jesus. Ele não sabe quem lhe vai comprar os livros e revistas que leva, mas sabe que é dali que vai tirar o seu sustento assim como o de seu lar; logo ele tem forçosamente que vender!... Como consegue isso? Será a sua habilidade traduzida em bom negociante? Será a sua lhana verbosidade? Será a sua constância no trabalho? Acreditamos que tudo isto ajuda; mas sem dúvida que o que lhe concede êxito no seu nobre trabalho é a força da fé aliada ao poder da oração.

O Senhor diz nos seus santos evangelhos, *Mat. 17:20* «Se tiverdes fé como um grão de mostarda, vencereis todas as dificuldades». Óh! como isto é tão verdade! Diz ainda «Nada vos será impossível». Sim nada é impossível ao Colportor de fé e oração; eu posso provar isto na minha vida prática.

Certa ocasião colportava com um colega no Porto de Lisboa; visitávamos todos os barcos da nossa frota mercante, e por vezes quando era possível os da Marinha de Guerra e ainda as fragatas que andam à vela no Tejo, vendendo livros a muitas pessoas das quais algumas nem sabiam ler. Tinha chegado um grande barco. Alegramo-nos pois iríamos visitar a tripulação e certamente despejar as nossas pastas que então estavam cheias. Quando, porém, olhamos para o portaló, reparamos que este estava guardado por um sujeito,

que voluntariamente se tornara nosso inimigo, e sempre se opunha à nossa entrada nos barcos onde ele estivesse de serviço. Sabia que éramos Adventistas. Desanimamos: «Nada feito» dissemos «Que pena» Estivemos longo tempo à espera que se desse uma aberta... isto é, que o cavalheiro se fosse embora e... nada. Concordamos então em pedir o auxílio divino e cada um fez ali mesmo uma oração, no meio daquela azáfama e muitas pessoas a passar por nós; pedimos ao Senhor que embora nos parecesse impossível, Ele poderia abrir o caminho, para ali irmos trabalhar no qual trabalho estava a nossa confiança do êxito. Como por encanto, mal acabámos a oração, o Sr. B... desapareceu do portaló. Vamos! Já o Senhor abriu caminho, dissemos um para o outro, e lá fomos escada acima. O G. F. era nosso amigo (porque o colportor procura fazer amigos por toda a parte) logo nos deixou entrar; uma vez ali dentro, que alegria, embrenhados por aqueles longos corredores, vendemos todos os livros que levávamos (para mais de 20) e ainda fizemos outros tantos pedidos, para os quais pedimos a direcção de suas casas; ao passar por uma cozinha ofereceram-nos comida que aceitamos com muito gosto...

Com as pastas despejadas, e a bolsa recheada, bem como o estômago (isto como extra) viemos embora, muito satisfeitos. Mas para sair? Lá estava o Sr. B... outra vez... por mais de uma hora esperamos ocasião, mas esta não aparecia; voltamos a orar de novo, e a resposta veio tão rápida como na primeira; esse senhor afastou-se uns três metros e de costas para nós falava com um indivíduo que havia entrado naquele momento. «Vamos agora» disse eu; o colega avançou

mais rápido e já estava no fundo da escada e eu ainda ao cimo; ia começar a descer quando o Sr. B... me viu correu para junto de mim e muito zangado disse: «Estou farto de dizer aos senhores que não entrem no barco, onde eu estiver de serviço; portanto escusam de teimar. Vamos ponha-se a mexer! «Bem, está bem o senhor desculpe» — respondi com ar de muita humildade. E rimos, com gosto; como era natural. Entretanto dávamos graças a Deus pela Sua excelente ajuda.

Sim, prezados colportores, crede que a oração abre todas as portas por mais fechadas que estejam, desobstrui os caminhos por mais obstruídos que estejam. A Irmã White assevera o mesmo; diz ela: «A humilde e fervente oração faz mais em favor da circulação dos nossos livros do que todos os custosos embelezamentos que há no Mundo. Se os obreiros voltarem a sua atenção para o que é verdadeiro, vivo e real; se orarem pelo Espírito Santo, crerem n'Ele e n'Ele confiarem, o Seu poder será derramado sobre eles em fortes e celestiais correntes, e rectas e duradouras impressões serão feitas sobre o coração humano. Portanto orai e trabalhai, e trabalhai e orai, e o Senhor operará convosco. Cada dificuldade é um motivo de oração. Diz ainda:

«A vereda da sinceridade e integridade não é isenta de obstáculos, mas em cada dificuldade devemos ver um chamado à oração». (O C.E. pág. 80-82).

Quantas vezes, depois de ter vendido um livro, após horas de luta — lembro-me de certa ocasião ter levado uma manhã inteira para persuadir a pessoa eu ficava a pensar: «Como foi possível vender este livro?»... Mas o Senhor tem mil maneiras de nos ajudar. Diz ainda a Irmã White: «O Nosso Pai Ce-

leste tem mil maneiras de nos prover às necessidades, das quais nada sabemos. Os que aceitam como princípio dar lugar supremo ao serviço de Deus, verão desvanecidas as perplexidades e terão caminho plano diante de si». (id. pág. 114).

O colportor por vezes deixa-se atacar pelo desânimo e esta é a melhor arma de inimigo para nos fazer cair; mas por vezes nós somos os próprios culpados... isto é (damos o pau para as colheres) como se costuma dizer, aqui vai um exemplo como prova.

Certa vez colportava numa vila do Alentejo; os meus pés dirigiam-se somente para os lugares onde me parecia que vendia (repartições, grandes lojas de comércio, consultórios, etc.; o meu êxito foi fraco mesmo muito fraco; o desânimo estava a assaltar-me; pedi então o auxílio Divino, e nesse mesmo momento um pensamento me sugeriu que entrasse em todas as portas que estivessem abertas; e dispus-me a isso: tabernas, oficinas, pequenos lugares, tudo mesmo que me parecesse que não vendia.

Ceguei a uma loja de um ferrador, e um velhote estava a ferrar uma muar; dei-lhe as boas-tardes, disposto a dizer duas palavras, para cumprir o voto e ir-me embora, pois pensei: «um ferrador e já velhote comprar livros»... Fiz a introdução, e o cavalheiro parou no meio do trabalho para me dar atenção, e logo me disse com toda a delicadeza: «Por favor espere um pouco, que eu já vou atendê-lo». Acabado o serviço pediu que lhe dissesse então a que ia; fiz a respectiva apresentação, e logo me disse que queria um livro; começou a fazer reclame dele ao dono da muar que estava a ferrar e este ficou também com um. Pagaram-me a seguir, fiquei admirado como isto aconteceu pois eu não esperava de modo ne-

nhum vender ali um livro e vendi dois. Este facto levantou-me o ânimo e continuei sempre da mesma maneira, nos empreendimentos futuros, e posso garantir que nunca me dei mal...

Colportores, coragem! A vitória ser-nos-á concedida, todo o céu está empenhado em nos ajudar, assim nós saibamos aproveitar esse auxílio.

Diz ainda a irmã White a este respeito: «Não precisa o colportor de desanimar se é chamado a enfrentar dificuldades no seu trabalho; trabalhe ele com fé, e a vitória será concedida. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados contra os potestades, contra os príncipes das trevas deste século. Quando é apresentado um livro que há de expor o erro, Satanás coloca-se ao lado daquele a quem é oferecido, e apresenta razões pelas quais não deve ser aceite. Mas uma instrumentalidade divina está em acção a fim de influenciar as mentes a favor da luz. Anjos ministradores oporão o seu poder ao de Satanás. E quando, através da influência do Espírito Santo a verdade é recebida na mente e no coração, terá sobre o carácter um poder transformador». (id. pág. 115).

Possam estas experiências ajudar de qualquer modo os nossos bravos e fiéis colportores, a singrarem por entre as alterosas ondas deste Oceano em convulsão, e chegados ao fim da carreira, encontrarmos o Porto da Nova Terra para onde nos dirigimos, e então descansarmos dos nossos labores, cheios de felicidade com Jesus reinando eternamente.

É esta a oração do vosso irmão e colega.

Adelino Nunes Diogo